

- I – Tenho de perguntar finalmente agora – em que medida é de facto a serenidade aquilo em que eu me procurava envolver?
- E – Com esta pergunta põe-nos num terrível embaraço.
- P – É o embaraço em que nos encontramos constantemente no nosso caminho.
- I – De que modo?
- P – Uma vez que aquilo que antes denominamos com uma palavra nunca tem a respectiva palavra, como nome, pendurada como um letreiro.
- I – Aquilo que denominamos é, à partida, sem-nome (*namenlos*); portanto, o mesmo acontece ao que denominamos serenidade. Então por que nos orientamos para avaliar que o nome é adequado e até que ponto é adequado?
- E – Ou não passa qualquer denominação de um acto arbitrário relativamente ao sem-nome?
- P – Mas está então, assim, decidido que existe o sem-nome? Muitas coisas são muitas vezes para nós indizíveis, mas apenas pelo simples facto de não nos ocorrer o seu nome.
- E – Com base em que denominação?
- P – Talvez estes nomes não resultem de uma denominação (*Benennung*). Devem-se a uma nomeação (*Nennung*) na qual surgem sobretudo o nomeável, o nome e o nomeado.
- I – O que acabou de dizer sobre a nomeação é para mim obscuro.
- E – O que deve certamente estar relacionado com a essência da palavra.

- I – Por outro lado, entendo melhor a observação que fez sobre a denominação e sobre a não existência do sem-nome.
- E – Porque o podemos verificar no caso do nome «serenidade».
- P – Ou já verificámos.
- I – Em que medida?
- P – O que é isso que você denominou com o nome serenidade?
- I – Se me permite, não fui eu quem usou o nome, mas sim você.
- P – Tal como você também não fui eu quem procedeu à denominação.
- E – Quem foi então? Nenhum de nós?
- P – Provavelmente; pois, na região, onde nos encontramos, só se não tiver sido nenhum de nós é que tudo estará na melhor ordem.
- I – Uma região enigmática onde não há nada que possa responder (*verantworten*).
- P – Porque é a região da palavra que apenas responde perante si própria.
- E – Só nos resta escutar a resposta conforme à palavra.
- P – Isso é suficiente; mesmo quando o nosso dizer não passa de um repetir (*Nachsagen*) da resposta ouvida...
- I – quando não faz diferença que um seja o primeiro e quem é o primeiro a repetir, tanto mais que ele, frequentemente, não sabe quem repete quando o diz.

- E – Por isso não queremos discutir sobre quem introduziu primeiramente na conversa o nome «serenidade»: queremos apenas reflectir sobre o que é isso que denominamos deste modo.
- I – É, falando a partir da minha experiência mencionada, o aguardar.
- P – Portanto, não algo sem-nome mas sim algo já denominado. O que é este aguardar?
- I – Na medida em que se relaciona com o aberto, e este é a Região, podemos dizer que o aguardar é uma relação com a Região.
- P – Talvez mesmo a relação com a Região, na medida em que o aguardar se envolve na Região e, ao admitir-se (*Sich einlassen*) nela, deixa a Região reinar meramente como Região.
- E – Uma relação com algo seria então a verdadeira relação, se esta for mantida na sua própria essência por aquilo com que se relaciona.
- P – A relação com a Região é o aguardar. E aguardar significa: envolver-se no aberto da Região.
- E – Portanto, entrar na Região.
- I – Isso soa como se tivéssemos estado anteriormente fora da Região.
- P – Estivemos e não estivemos. Não estamos nem nunca estamos fora da Região, uma vez que, como seres pensantes, ou seja, ao mesmo tempo, ao representar transcendentalmente, permanecemos no horizonte da transcendência. O horizonte é, porém, o lado da Região virado para o nosso poder de re-presentação

(*Vor-stellen*). A Região rodeia-nos e mostra-se-nos como horizonte.

E – Acho antes que ela se oculta (*verbüllt*) como horizonte.

P – Certamente; mas, não obstante, estamos na região ao representar transcendentalmente, saindo para o horizonte. E, por outro lado, não estamos dentro dela uma vez que ainda não tínhamos acedido a ela própria como Região.

I – O que acontece, porém, no aguardar.

P – Ao aguardar, como você já disse, estamos libertos (*losgelassen*) da relação transcendental ao horizonte.

I – Este estar-liberto (*Gelassensein*) é o primeiro momento da serenidade. No entanto, não atinge, e muito menos esgota, a sua essência.

E – Como assim?

P – A autêntica (*eigentliche*) serenidade pode acontecer sem que o estar-liberto da transcendência horizontal a preceda necessariamente.

E – Se a autêntica serenidade deve ser a relação adequada com a Região e uma tal relação se determina meramente a partir daquilo com que se relaciona, a autêntica serenidade tem de repousar na Região e ter recebido desta o movimento para a Região.

P – A serenidade vem da Região, porque consiste no facto de o Homem permanecer confiado/sereno (*gelassen*) à/na região, precisamente através dela. Está-lhe confiado na sua essência na medida em que pertence originalmente à

Região. Pertence-lhe na medida em que está inicialmente a-propriado (*ge-eignet*) à Região (*Gegnet*), precisamente através da própria Região.

- E – Com efeito, o aguardar, supondo que é um aguardar essencial, isto é, um aguardar decisivo a respeito de tudo, fundamenta-se no facto de nós pertencermos àquilo porque aguardamos.
- P – A partir da experiência do aguardar, isto é, do aguardar pelo abrir-se da Região e na relação com tal aguardar, esta foi re-ferida (*an-gesprochene*) como a serenidade.
- E – A denominação do aguardar pela Região é, por isso, correspondente (*entsprechende*).
- I – Mas se a representação transcendental-horizantal, da qual a serenidade se liberta pelo facto de pertencer à Região, é, pois, a essência do pensamento até agora dominante, então, na serenidade, o pensamento a partir de uma tal representação transforma-se no aguardar pela Região.
- P – A essência deste aguardar é, porém, a serenidade em relação à Região. Mas como é a Região que cada vez mais deixa que a serenidade lhe pertença, porque a deixa repousar em si, a essência do pensamento repousa no facto de que a Região, se assim o posso dizer, regionaliza (*vergegnen*) em si a serenidade.
- E – O pensamento é a serenidade em relação à Região porque a sua essência repousa na regionalização (*Vergegnis*) da serenidade.

- P – No entanto, com isso diz que a essência do pensamento não pode ser determinada a partir do pensamento, i. e., a partir do aguardar enquanto tal, mas sim a partir do outro de si mesmo (*Anderer seiner selbst*), ou seja, a partir da Região, que é (*west*) na medida em que regionaliza.
- I – Pode seguir, de certo modo, tudo aquilo que dissemos agora sobre a serenidade, Região e regionalização; não obstante, nada consigo representar sobre isso.
- E – Também não deve fazê-lo, se quiser pensar no que foi dito de acordo com a sua essência.
- I – Quer dizer que, de acordo com a nova essência do pensamento, aguardamos por algo.
- E – Aguardamos pela regionalização da Região de modo que esta regionalização permita que a nossa essência aceda à Região, ou seja, à pertença à Região.
- P – Mas, e se já estivermos apropriados à Região?
- I – De que nos serve isso, no entanto, se ainda o não estamos verdadeiramente?
- E – Estamo-lo, portanto, e não o estamos.
- I – De novo o inquieto vaivém entre sim e não.
- E – Estamos como que suspensos entre ambos.
- P – No entanto, a permanência (*Aufenthalt*) neste entre é o aguardar.
- E – E isso é a essência da serenidade, para a qual o fazer região de encontro (*Gegenen*) da Região (*Gegnet*) regionaliza (*vergegnet*) o Homem.

Nós pressentimos a essência do pensamento como serenidade.

P – Para a voltarmos rapidamente a esquecer.

I – Serenidade essa que eu próprio experienciei como o aguardar.

P – Nós consideramos que o pensamento não é, de modo algum, a serenidade subsistente por si só. A serenidade em relação à Região é o pensamento apenas como a regionalização da serenidade. Regionalização que deixou a serenidade aceder à Região.

E – A Região faz demorar-se agora também a coisa na duração da extensão. Como havemos de denominar o fazer região de encontro da Região em relação à coisa?

I – Não pode pois ser a regionalização, uma vez que esta é a relação da Região com a serenidade, devendo a serenidade, no entanto, abrigar dentro de si a essência do pensamento, mas as próprias coisas não pensam.

P – As coisas são manifestamente coisas por meio do fazer região de encontro da Região, como se mostrou na nossa conversa anterior com o demorar-se do jarro na extensão da Região. O mero fazer região de encontro da Região não causa nem produz as coisas, nem tão pouco a Região causa a serenidade. A Região também não é, na regionalização, o horizonte para a serenidade; também não é o horizonte para as coisas, quer as tenhamos apenas experienciado como objectos, quer as visemos como as «coisas em si», representadas a partir dos objectos.

- E – Aquilo que diz agora parece-me ser tão decisivo que gostaria de tentar fixar o que foi dito na terminologia erudita. Com efeito, sei muito bem que a terminologia não só cristaliza (*erstarren lässt*) os pensamentos como simultaneamente os torna de novo ambíguos, correspondendo à ambiguidade (*Vieldeutlichkeit*) inevitavelmente inerente às terminologias usuais.
- P – Depois dessa reserva erudita, pode falar à vontade de forma erudita.
- E – De acordo com a sua exposição, a relação da Região com a serenidade não é nem uma relação de efeito causal nem a relação horizontal-transcendental. Abreviando e generalizando: a relação entre a Região e a serenidade, se é que ainda é uma relação, não pode ser pensada nem como ôntica nem como ontológica...
- P – apenas como a regionalização.
- I – Do mesmo modo, também agora a relação entre Região e coisa não é uma relação de efeito causal, nem a relação transcendental-horizontal, portanto, também não é nem ôntica nem ontológica.
- E – Mas é evidente que a relação da Região com a coisa também não é a regionalização, que diz respeito à essência do homem.
- P – Como devemos então denominar a relação da Região com a coisa se a Região deixa demorar-se (*weilen lässt*) a coisa em si própria como a coisa?
- I – A Região condiciona a coisa a ser coisa (*bedingt das Ding zum Ding*).

- E – Por isso se deve antes chamar a essa relação o Condicionamento (*das Bedingnis*).
- I – Mas o Condicionar não é um fazer e causar; nem um possibilitar no sentido do transcendental...
- P – mas apenas o Condicionamento.
- I – Temos portanto, antes de mais, que aprender a pensar o que é o condicionar...
- P – ao aprendermos a experienciar a essência do pensamento ...
- E – e aguardar portanto pelo Condicionamento e pela regionalização.
- I – Contudo, agora as denominações já são uma ajuda para trazer uma certa transparência à multiplicidade de relações mencionadas. É verdade que ainda permanece indeterminada justamente a relação em cuja caracterização eu estou mais interessado. Refiro-me à relação do Homem com a coisa.
- E – Por que está tão teimosamente preso a essa relação?
- I – Não partimos anteriormente do princípio de esclarecer a relação entre o eu e o objecto a partir da relação de facto do pensamento físico com a Natureza? A relação entre o eu e o objecto, muitas vezes designada relação sujeito-objecto (*Subjekt/Objekt*), que eu considerava a mais geral, é, manifestamente, apenas uma variação histórica da relação do Homem com a coisa, desde que as coisas se possam tornar objectos (*Gegenständen*)...

- P – em que se tornaram mesmo antes de atingirem a sua natureza coisal (*Dingwesen*).
- E – O mesmo é válido em relação à respectiva mutação histórica da natureza humana (*Menschwesen*) em egoidade (*Ichheit*)...
- P – que teve lugar igualmente antes que a essência pudesse regressar a si própria...
- I – caso não consideremos como definitiva a caracterização da essência do homem como *animal rationale*...
- E – o que dificilmente será possível depois da conversa de hoje.
- I – Hesito em decidir-me tão rapidamente nesse sentido. Entretanto, outra coisa ficou clara para mim: na relação entre o eu e o objecto ocultase algo de histórico que pertence à história da essência do homem.
- P – É apenas porque a *essência* do homem *não* recebe as suas características do Homem, mas sim daquilo que designamos por Região e a sua regionalização, que a história que você pressente acontece (*ereignet*) como a história da Região.
- I – Não consigo segui-lo até tão longe nos meus pensamentos. Fico satisfeito se a perspectiva (*Einsicht*) sobre o carácter histórico da relação entre o eu e o objecto esclarecer uma obscuridade que me ficou. Com efeito, quando me decidi pelo lado metodológico da análise das Ciências da Natureza matemáticas, você disse que esta era uma consideração Histórica (*historische*).
- E – Afirmação que você contestou vivamente.

- I – Agora estou a ver o que queria dizer. O projecto matemático e a experiência baseiam-se na relação do Homem como Ego com a coisa como objecto.
- P – Você até contribui para o esclarecimento desta relação e para trazer à luz (*entfalten*) a sua natureza histórica.
- I – Se designarmos Histórica qualquer consideração que versa sobre o histórico (*Geschichtliches*), então a análise metodológica da Física é, de facto, Histórica.
- E – Em que o termo «Histórico» significa um modo de conhecer e é entendido em sentido lato.
- P – Provavelmente na direcção do histórico que não consiste nos eventos nem nos feitos do mundo.
- E – Nem nas realizações culturais do Homem.
- I – Em que consiste então?
- P – O histórico repousa na Região e no que acontece como Região que, remetendo-se/concedendo-se (*sich zurückschickend*) ao Homem, o regionaliza na sua essência.
- E – Essência que, no entanto, mal experienciámos, uma vez que ainda não se cumpriu na racionalidade do *animal*.
- I – Numa tal situação só podemos aguardar pela essência do homem.
- P – Na serenidade, por meio da qual pertencemos à Região, que oculta ainda a sua própria essência.
- E – Pressentimos a serenidade em relação à Região como a essência do pensamento procurada.

- P – Quando acedemos à serenidade em relação à Região queremos o não-querer.
- I – A serenidade é, de facto, o libertar-se do representar transcendental e, assim, um prescindir do querer do horizonte. Este prescindir já não procede de um querer, a não ser que o motivo para a admissão (*Sicheinlassen*) na pertença à região careça de um vestígio do querer, vestígio esse que, porém, desaparece na admissão e se extingue por completo na serenidade.
- E – Mas em que medida é que a serenidade se refere ao que não é um querer?
- P – Depois de tudo o que dissemos sobre o demorar-se da extensão que dura, o deixar repousar no retorno, o fazer região da Região, dificilmente se pode falar da Região como vontade.
- E – Já o facto de a regionalização da Região, bem como o Condicionamento, serem essencialmente exteriores a qualquer actividade ou causação, mostra quão decisivamente toda a essência da vontade é estranha a tudo isso.
- P – Pois toda a vontade quer ter efectividade (*wirken*) e quer a realidade efectiva (*Wirklichkeit*) como seu elemento.
- I – Com que facilidade não poderia uma pessoa que nos ouvisse dizer isto ser levada a afirmar que a serenidade paira no irreal (*Unwirklichkeit*) e, desse modo, na nulidade (*im Nichtigen*), e é mesmo destituída de qualquer energia activa, um permitir avolitivo de tudo e, no fundo, a negação da vontade de viver!

- E – Considera então necessário prevenir essa eventual interpretação errónea da serenidade, mostrando em que medida existe também nela algo como energia activa (*Tatkraft*) e resolução?
- I – Penso isso mesmo, embora não negue que todos estes nomes induzem imediatamente a interpretações erróneas da serenidade como tendo um teor de vontade.
- E – Teríamos então de pensar por exemplo a palavra «resolução» (*Entschlossenheit*) tal como é pensada em «Ser e Tempo»: como o *propriamente* assumido abrir-se do ser-aí *ao* aberto...
- P – e é assim que pensamos a Região.
- E – Se, em conformidade com o dizer e o pensar grego, experienciarmos a essência da verdade como a não-ocultação e o descobrimento (*Unverborgenheit und Entbergung*), lembramo-nos de que a Região é, provavelmente, o ser (*Wesende*) oculto da verdade.
- I – Então a essência do pensamento, a saber, a serenidade em relação à Região, seria a resolução para a verdade que está a ser (*wesenden Wahrheit*).
- P – Na serenidade poderia ocultar-se uma persistência (*Ausdauer*) que consiste simplésmente no facto de a serenidade interiorizar (*inne wird*) cada vez mais claramente a sua própria essência e nela se instalar persistentemente.
- E – Isso seria um comportamento (*Verhalten*) que não se tornaria uma atitude (*Haltung*), mas que se recolheria na contenção (*Verhaltenheit*)

que permaneceria sempre como a contenção da serenidade.

- P – Portanto, a serenidade persistente e contida seria o acolhimento da regionalização da Região.
- I – A persistência contida, através da qual a serenidade repousa na sua essência, seria o que poderia corresponder ao mais alto querer, mas que, no entanto, não o poderia. Para este repousar-em-si da serenidade que permite justamente a sua pertença à regionalização da Região...
- P – e de certo modo também ao Condicionamento...
- I – para esta persistência do pertencer, repousando em si, à Região, falta-nos ainda a palavra.
- E – Talvez a palavra «insistência» (*Inständigkeit*) o pudesse designar. Li uma vez uns versos, em casa de um amigo, que ele tinha copiado de qualquer sítio, que contêm um esclarecimento desta palavra. Tomei nota dos versos, que são os seguintes:

INSISTÊNCIA (INSTÄNDIGKEIT)

Receber a salvo
Para longa constância
A verdade que está a ser
Nunca só algo verdadeiro
Que o coração pensante peça
À singela paciência
A generosidade única
Do nobre recordar

- P – A insistência na serenidade em relação à Região seria, segundo tal, a autêntica essência da espontaneidade do pensamento.
- E – E, segundo os versos mencionados, o pensamento seria a *evocação (Andenken)*, parente da nobreza.
- P – A insistência da serenidade em relação à Região seria a própria nobreza de espírito.
- I – Parece-me que esta noite excepcional vos leva a ambos a devanear.
- P – Certamente, se se refere ao devanear no aguardar, por meio do qual aguardamos cada vez mais e ficamos cada vez mais sóbrios.
- E – Cada vez mais pobres na aparência e, no entanto, mais ricos em a-caso (*Zu-fall*).
- I – Então diga você, se faz favor, também na sua estranha sobriedade, em que medida a serenidade pode ser parente da nobreza.
- E – Nobre é aquilo que tem proveniência (*Herkunft*).
- P – Não só a tem como se demora na proveniência (*Herkunft*) da sua essência.
- I – Então a verdadeira serenidade consiste, pois, no facto de o Homem, na sua essência, pertencer à Região, isto é, ser-lhe confiado (*gelassen ist*).
- E – Não ocasionalmente, mas – como dizê-lo – de antemão.
- I – À partida, para fora da qual, na verdade, não podemos pensar...
- E – porque a essência do pensamento começa aí.
- I – É, portanto, no não previamente pensável que a essência do homem é confiada à Região.

- E – Razão pela qual nós também acrescentámos imediatamente: precisamente através da própria Região.
- P – Apropriada (*veraignet*) a essência do homem à sua própria Região.
- I – Assim esclarecemos a serenidade. No entanto, como reparei, não chegámos a reflectir sobre a razão pela qual a essência do homem é apropriada à Região.
- E – Pelos vistos, a essência do homem é confiada à Região porque esta essência pertence tão essencialmente à região que esta, sem a essência do homem, não pode ser como é (*nicht wesen kann, wie sie west*).
- I – Isso é quase impensável.
- P – É impensável enquanto quisermos representá-la, ou seja, colocá-la à força diante de nós como uma relação objectiva no modo da presença (*vorhandene*) entre o objecto denominado «Homem» e o objecto denominado «Região» .
- I – Pode ser. Mas será que, mesmo no caso de o tomarmos em conta, não permanece uma dificuldade insuperável na afirmação da relação essencial entre a essência do homem e a Região? Caracterizávamos há pouco a Região como a essência oculta da verdade. Mas se, para simplificar, dissermos, em vez de Região, verdade, então a afirmação (*Satz*) da relação entre a região e a essência do homem passa a ser a seguinte: a essência do homem é transpropriada (*übereignet*) para a verdade, porque a verdade

precisa do Homem. Mas não é então o carácter distintivo da verdade, e justamente no que concerne à sua relação com o Homem, o facto de ela ser aquilo que é independentemente do Homem?

E – Com o que disse aflora uma dificuldade que certamente só podemos discutir quando tivermos expressamente esclarecido a essência da verdade e determinado com mais clareza a essência do homem.

P – Estamos apenas a caminho de ambas; não obstante, gostaria de tentar delimitar a asserção sobre a relação da verdade com o Homem de modo a ficar ainda mais claro aquilo sobre o qual teremos de meditar caso venhamos a reflectir expressamente sobre esta relação.

I – Aquilo que você quer dizer sobre isso permanece assim, por enquanto, uma simples asserção (*Behauptung*).

P – Decerto; e quero dizer o seguinte: A essência do homem é unicamente confiada (*gelassen*) à Região e utilizada por esta em conformidade porque o Homem, por si, nada pode sobre a verdade e esta permanece independente dele. A verdade só pode, portanto, ser independente do Homem, porque a essência do homem é utilizada como a serenidade em relação à Região, pela região, na regionalização, para defesa do Condicionamento. A independência da verdade em relação ao (*vom*) Homem é, pois, notoriamente uma relação *com* (*zum*) a essência do

homem, relação essa que Repousa na regionalização da essência do homem na Região.

- E – Se assim fosse, o Homem moraria (*weilt*) como o insistente na serenidade em relação à Região na origem da sua essência que nós, por isso, poderíamos delimitar do seguinte modo: O Homem é o que é utilizado na essência da verdade. Morando de tal modo na sua origem, o Homem seria encorajado (*angemutet*) pela parte nobre da sua essência. Ele pressentiria (*vermutete*) a nobreza de carácter (*Edelmütige*).
- I – Este pressentir não poderia, pois, ser outra coisa senão o aguardar, que é como pensamos a insistência da serenidade.
- E – Se a Região fosse, assim, a extensão que se demora, a paciência (*Langmut*) poderia ainda pressentir (*vermuten*) mais longe, poderia pressentir a própria extensão da duração, porque é ela quem pode aguardar mais tempo.
- P – A nobreza de carácter longânime seria o puro repousar-em-si do querer que, renunciando ao querer, se tinha entregado (*eingelassen*) ao que não é uma vontade.
- E – A nobreza de carácter seria a essência do pensamento (*Denkens*) e, com isso, do agradecimento (*Dankens*).
- P – Desse agradecimento que não apenas agradece por algo, mas que apenas agradece poder agradecer.
- E – Com esta essência do pensamento teríamos encontrado o que procuramos.

- I – Supondo que tivéssemos encontrado aquilo em que parece repousar tudo o que foi dito na nossa conversa. Isto é, a essência da Região.
- P – Como se trata apenas de uma suposição, também há muito tempo que, como você talvez tenha observado, dizemos tudo apenas de forma hipotética.
- I – Do mesmo modo, também não posso reter por mais tempo a confissão de que ficámos mais perto da essência da Região, enquanto ela própria me parece estar mais longe do que nunca.
- E – Quer dizer com isso que está na proximidade da essência da Região e, no entanto, longe dela própria?
- I – Mas a própria Região e a sua essência não podem ser duas coisas diferentes, caso se possa, porventura, falar aqui de coisas.
- E – O mesmo (*Selbst*) da Região é provavelmente a sua essência e o Mesmo que ela mesma (*das Selbe ihrer selbst*).
- P – Então talvez possamos exprimir a nossa experiência, durante a conversa, dizendo que nos aproximámos da Região e, ao mesmo tempo, permanecemos longe dela, na medida em que o permanecer (*Bleiben*) é, na verdade, regressar.
- E – Com aquilo que diz, ficaria, pois, apenas denominada a essência do aguardar e da serenidade.
- I – Mas, o que dizer então da proximidade e da distância no seio das quais a Região se ilumina e se encobre, se aproxima e se afasta?

- E – Estas proximidade e distância não podem ser nada fora da Região .
- P – Porque a Região, ao fazer região de encontro de tudo (*alles gegenend*), reúne tudo e deixa/faz tudo regressar a si mesmo, no autêntico repouso no Mesmo (*Selbe*).
- I – Então a própria Região seria o que aproxima e o que afasta.
- I – A Região seria ela própria a proximidade da distância e a distância da proximidade...
- E – caracterização que não devemos pensar de forma dialéctica...
- P – mas sim?
- I – Apenas segundo a essência do pensamento determinado a partir da Região.
- E – Portanto que aguarda, insistente na serenidade.
- P – O que seria então a essência do pensamento se a Região fosse a proximidade da distância?
- E – Isso já não se pode dizer com uma única palavra. Aliás, conheço uma palavra que até há pouco tempo ainda pareceu apropriada para denominar adequadamente a essência do pensamento e, com isso, também do conhecimento.
- I – Gostaria de ouvir essa palavra.
- E – É uma palavra que me ocorreu já aquando da nossa primeira conversa. Era a esta expressão que me referia também quando observava, no início da conversa de hoje, que devia um precioso estímulo à nossa primeira conversa numa

vereda. Já várias vezes quis avançar também esta palavra no decurso da conversa de hoje. Mas pareceu-me sempre ser pouco adequada àquilo que se aproximava de nós como a essência do pensamento.

I – Fala com tanto mistério da sua ideia, como se não quisesse revelar cedo demais algo que descobriu.

E – Não fui eu quem descobriu a palavra em que estou a pensar; é apenas uma ideia erudita.

I – É então, se me é permitido dizer, uma recordação Histórica?

E – Se quiser. Ter-se-ia até adaptado bem ao estilo da nossa conversa de hoje, durante a qual, várias vezes, introduzimos palavras e frases que provêm do pensamento helénico. Mas agora a palavra em questão já não se adequa àquilo que tentamos denominar com uma única palavra.

P – Refere-se à *essência do pensamento* que, como a serenidade insistente em relação à Região, é a relação humana essencial com a Região, que pressentimos como a proximidade em relação à distância.

I – Mesmo que a palavra já não se adegue agora, poderia revelá-la no fim da conversa, pois já nos aproximámos de novo das habitações humanas e, de qualquer modo, temos de terminar a conversa.

P – A palavra que já não se aplica agora, a qual funcionou anteriormente para você como estímulo precioso, também poderia mostrar-nos com

- clareza que entretanto chegámos perante algo indizível.
- E – A palavra é uma palavra de Heraclito.
- I – De que fragmento retirou a palavra?
- E – A palavra veio-me à ideia porque aparece sozinha. É a palavra única que constitui o fragmento 122.
- I – Não conheço esse fragmento, o mais curto, de Heraclito.
- E – Também mal se lhe dá importância porque a pouco pode levar uma palavra isolada.
- I – Em que consiste esse fragmento?
- E – Ἀγχιβασίη
- I – Que quer dizer?
- E – Traduz-se a palavra grega pela palavra alemã «Herangehen» (aproximar-se).
- I – Considero esta palavra um nome excelente para denominar a essência do conhecimento; pois o carácter do *avançar* (*Vorgebens*) e do *aproximar-se* (*Zugebens*) dos objectos é expresso aí de forma convincente.
- E – Também me pareceu isso quando falámos na nossa primeira conversa sobre a acção, a realização, o trabalho no conhecimento moderno e sobretudo na investigação.
- I – Poder-se-ia utilizar a palavra grega precisamente para tornar claro que a investigação no domínio das Ciências da Natureza é uma espécie de ataque à natureza que, não obstante, deixa/faz a natureza falar. «Herangehen» (*aproximar-se*): Poderia imaginar esta palavra

de Heraclito como epígrafe para uma dissertação sobre a essência da ciência moderna.

- E – Por essa razão também hesito em proferir a palavra; pois não atinge de modo algum a essência do pensamento que presumíamos a caminho.
- I – Pois o aguardar é, aliás, quase o movimento contrário do *aproximar-se*.
- E – Para não dizer o contra-reposo (*Gegenruhe*).
- P – Ou simplesmente o repouso. Então está decidido que Ἀγγιβαστή significa o *aproximar-se*?
- E – Literalmente traduzido significa: «ir próximo» (*Nabegeben*).
- P – Poderíamos talvez também pensar: «ir-à-proximidade» (*In-die-Nähe-gehen*).
- I – Entende isso literalmente no sentido de «ser-admitido-no-seio-da-proximidade» (*In-die-Nähe-hinein-sich-einlassen*)?
- P – Mais ou menos.
- E – Então esta palavra seria, pois, o nome, e talvez o mais belo nome, para aquilo que encontramos.
- P – O qual, não obstante, procuramos ainda na sua essência.
- E – «ir-à-proximidade» (*in-die-Nähe-geben*). Parece-me agora que a palavra poderia ser antes o nome para o nosso passeio de hoje na vereda.
- P – Que nos guiou pela noite dentro...
- I – cujo brilho é cada vez mais deslumbrante...
- E – e supera em maravilha as estrelas...

- P – porque aproxima entre si as suas distâncias no céu...
- I – pelo menos para o observador ingénuo, não para o investigador exacto.
- P – Para a criança no Homem, a noite permanece a aproximadora/costureira (*Näherin*) das estrelas.
- E – Ela junta sem costura, bainha, nem linha.
- I – Ela é a costureira/aproximadora porque só trabalha com a proximidade.
- E – Caso ela alguma vez trabalhe e não repouse antes...
- P – ao admirar as profundidades da altura.
- E – Assim, poderia a admiração abrir o que está fechado?
- I – Conforme o tipo de aguardar...
- P – se for um aguardar sereno (*gelassenes*) ...
- E – e a essência do homem aí permanecer a-propriada...
- P – àquilo de onde somos chamados (*gerufen*).